



PIOVESAN, Marta Elena Facco¹
COSTA, Helmorane Bringel²

AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DOS SUJEITOS BALSENSES: ANÁLISE DE NARRATIVAS

Resumo: A presente pesquisa visa a analisar as identidades construídas pelos sujeitos nascidos em Balsas, cidade do Sul do Maranhão, uma região marcada por diferentes ciclos migratórios em um contexto recente. A pesquisa propõe investigar as narrativas como um instrumento de análise da produção discursiva com o intuito de investigar como os narradores constroem discursivamente suas identidades a partir do processo migratório que teve lugar na região. A metodologia utilizada na pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista, assumindo uma perspectiva em que as identidades vão sendo construídas e produzidas localmente e passam a ser entendidas como uma situação social de coconstrução em que o corpus é gerado a partir de entrevistas narrativas. As entrevistas foram realizadas com pessoas nascidas antes dos anos 70 e depois dos anos 80 do século passado, de diferentes classes sociais e que viveram o impacto da migração em suas vidas. As identidades são resultados de atos observados por meio de uma conversa e vão sendo construídas no contexto de relações culturais e sociais. Assim, foi possível identificar como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como pensam sobre suas ações e as dos outros, produzindo suas histórias.

Palavras-chave: Narrativas. Identidades. Discurso. Linguística Textual.

Abstract: This research aims to analyze the identities constructed by the subjects born in Balsas, a city in the south of Maranhão, a region marked by different migratory cycles in a recent context. The research proposes to investigate narratives as an instrument of analysis of discursive production in order to investigate how narrators construct their identities discursively from the migratory process that took place in the region. The methodology used in the research is of a qualitative and interpretative nature, assuming a perspective in which identities are being constructed and produced locally and come to be understood as a social situation of co-construction in which the corpus is generated from narrative interviews. The interviews were conducted with people born before the 70s and after the 80s of the last century, from different social classes and who lived the impact of migration on their lives. Identities are the result of actions observed through conversation and are being constructed in the context of cultural and social relations. Thus, it was possible to identify how people spontaneously express themselves and talk about what is important to them and how they think about their actions and those of others, producing their stories.

Keywords: Narratives. Identities. Speech. Textual Linguistics.

¹Doutora em Língua Aplicada pela faculdade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/RS. Atualmente é Professora Assistente da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: martahpiovesan@hotmail.com

²Graduada do curso de Letras na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: helmorane.bringel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O estudo da narrativa sob o enfoque linguístico constitui-se como uma das contribuições das abordagens teóricas e metodológicas mais difundidas contemporaneamente, refletindo o avanço e suas repercussões para o entendimento do discurso e demonstrando que não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa.

O ato de contar histórias é relativamente simples, mas é por meio delas que se explicitam ações e situações que estavam implícitas. As sequências narrativas não se restringem a uma listagem de acontecimentos, mas aparecem estruturadas, e as maneiras como elas são contadas permitem a operação de produção de sentido do enredo. É o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que geralmente constituem a história.

Partindo da premissa que narrativas e identidades emergem de contextos sociais espontâneos e de que a discursividade é uma lente privilegiada para investigar as práticas sociais e experiências pessoais (PIOVESAN, 2020), a presente pesquisa de caráter interpretativo/qualitativo tem como objetivo geral investigar como os sujeitos nascidos na cidade de Balsas, no Sul do Maranhão, constroem identidades ao narrar suas histórias de vida. Os objetivos específicos são investigar como os participantes nascidos em Balsas, no Maranhão, tecem seus discursos frente ao processo migratório em que estão inseridos; analisar as concepções de identidade dos sujeitos/narradores em suas histórias de vida e utilizar a Análise de Narrativas e Análise da Conversação para evidenciar as marcas de identidades nos discursos. Essa percepção de conhecer a história de uma sociedade, em uma região marcada por diferentes ciclos migratórios

em um contexto recente, significa eleger os participantes dessa inter-relação de circunstâncias como protagonistas das suas histórias.

Centra-se a pesquisa na investigação de narrativas como um instrumento de análise da produção discursiva com o intuito de investigar como os narradores, moradores nascidos em Balsas- MA, constroem discursivamente suas identidades a partir do processo migratório que teve lugar na região, a partir dos anos 70 do século passado. Os sentidos das narrativas estão contidos nas histórias que são contadas, nas memórias que conectam o presente e o passado e imagens que delas são construídas (HALL, 2006). Segundo De Fina (2015), as narrativas são vistas como o principal veículo para a expressão da identidade, pois as histórias que contamos revelam o que somos.

O cenário das histórias aqui contadas não é de uma terra castigada pela aridez, mas de uma região próspera do Sertão do Sul do Maranhão, que geograficamente pertence à Amazônia Legal, com abundância de chuvas, cortada por muitos rios e vastas porções de terras férteis. Sendo assim, esta pesquisa considera que as práticas conversacionais constituem um locus privilegiado para investigar a natureza linguístico-discursiva, bem como fenômenos de ordem social e semântica imbricados no entendimento das relações entre linguagem e organização social. Dessa forma, utiliza-se a Análise da Conversação, um arcabouço teórico que sustenta a presente pesquisa, para analisar como as identidades emergem nas narrativas orais circunscritas na Linguística. Ademais, narrativas permitem, dependendo do modo como são relatadas, construir as experiências vividas nas trajetórias dos informantes. Nessa perspectiva, as pessoas, por meio de suas histórias de vida e de suas ações, constroem sua formação identitária - do ser balsense - relacionada aos diferentes momentos e cenários sócio-político-econômico-culturais da atualidade.

O aspecto fundamental desta pesquisa decorre em função do caráter analítico-discursivo que prioriza a análise da discursividade das narrativas, possibilitando, dessa forma, uma discussão que é imprescindível para a visibilidade da região que desconhece as suas construções identitárias.

Esta pesquisa envolve estudos de narrativa em contextos situacionais e culturais variados e adota tendências recentes na análise narrativa, como análise de posicionamento e referência, oriundos da Linguística Textual, e orientações socioculturais, contribuindo para um novo paradigma que aborda as narrativas não simplesmente como textos, mas sim como práticas comunicativas complexas intimamente ligadas à produção da vida social. Reflete o interesse em temas importantes moldados pelo desenvolvimento da linguagem e do discurso e aborda a investigação de narrativas como textual e discursivamente constituídas, como uma prática social construída na interação de múltiplos contextos sociais.

As migrações sempre existiram e na modernidade os deslocamentos espaciais interestaduais e intrarregionais das pessoas continuam sempre motivados por um desenvolvimento ou oportunidade de uma vida melhor. Em busca desse futuro promissor, pessoas chegavam e saíam, as que estavam eram modificadas, as que chegavam e saíam já não eram as mesmas. Nesse entrecruzamento de pessoas emergia uma sociedade e a partir daí surgiram questionamentos e a necessidade de explicar esse processo: Quem é esse povo formado por tantos? É possível traçar uma identidade balsense?

Para procurar respostas a essas indagações e analisar todo esse processo que deu origem à cidade de Balsas com o encontro de muitas pessoas vindas de diversos lugares em diferentes tempos e situações, optamos pela pesquisa que investiga a construção de narrativas, importante instrumento para analisar a produção discursi-

va e a construção de identidade dos participantes.

A análise dos discursos que atravessam os dizeres que se apresentam nos corpora selecionados vai permitir construir uma rede interdiscursiva capaz de resgatar as relações identitárias dos participantes pesquisados.

2. APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO DAS HISTÓRIAS

A mesorregião Sul Maranhense é constituída pelas microrregiões do Gerais de Balsas, Chapada das Mangabeiras e Porto Franco e ocupa uma área de 67.899,8 Km² distribuídos em dezenove municípios. Nas microrregiões do Gerais de Balsas e da Chapada das Mangabeiras concentram-se os municípios da região do Cerrado Maranhense, dentre eles, o município de Balsas, que conta com 93.511 habitantes segundo dados do IBGE (2016).

O processo de colonização da região Sul Maranhense, conhecida como região de Pastos Bons, apresentou aspectos particulares em relação a outros processos que se desenvolveram em outras áreas maranhenses ocupadas a partir da corrente povoadora originada no litoral. Segundo Cabral (1992), essas duas linhas de povoamento, uma iniciada no litoral e outra oriunda do interior nordestino, seguiram caminhos distintos de exploração econômica e padrões de comportamento. O povoamento da região Sul maranhense decorreu da expansão da frente pastoril baiana que se expandindo pelo interior, atingiu a região, a partir de 1730. A iniciativa particular foi dominante na fase inicial de atuação dessa experiência colonizadora, que resultou na formação de grandes propriedades, fazendas de gado bovino de caráter extensivo.

Na região do rio Balsas, surgiu um porto de passagem conhecido como Porto de Caraibas que favorecia o transporte de rebanhos e mercadorias por meio de balsas.

“A travessia do rio Balsas abria caminho para os campos e as aguadas que seriam definitivamente sedes de tantas fazendas que iam surgindo no decorrer dos anos” (COELHO NETO, 1979, p. 103).

O baiano Antônio Jacobina, homem de espírito comunicativo, mercador de fumo, saiu de sua terra natal em consequência da seca que assolava o estado da Bahia e, após observar o contínuo movimento de fazendeiros e vaqueiros que transitavam pelo Porto de Caraíbas, instalou-se na região, prevendo boas perspectivas de negócio e um crescimento rápido para o lugar. A partir daí, surgiu Vila Nova e posteriormente Santo Antônio de Balsas, um vilarejo que, em 1919, já registrava um grande fluxo de viajantes vindos do Piauí, da Bahia e de Goiás, “tornando-se sertanistas balsenses” (PEREIRA, 2014, p. 31). A formação social constituída nessa região de Balsas, deu-se por diferentes grupos, oriundos de diferentes lugares, influenciados por fatores externos, econômicos e sociais que ocasionaram um fluxo migratório que fez constituir o espaço designado Sertão do Sul do Maranhão e seus sujeitos constituidores da região.

Em 1926, atraídos pelo período econômico, ocorreu a chegada dos sírio-libaneses e em 1952 chegaram a Balsas os Padres Missionários Combonianos, Congregação fundada por São Daniel Comboni, em 1º de junho 1867, em Verona, na Itália (PEREIRA, 2014). As primeiras missões foram abertas no Maranhão, em Balsas, e no Espírito Santo, onde além de evangelizar realizaram inúmeras melhorias como igrejas, hospitais e escolas.

Mas foi a partir de 1970 que iniciou um intenso processo migratório na região. Em Balsas, o fluxo migratório é fruto de um contexto particular, motivado por fatores econômicos: a expansão da fronteira agrícola. O desenvolvimento do agronegócio atraiu uma quantidade expressiva de trabalhadores que partiram de diversas regiões do país em busca de melhores condições

de vida, principalmente agricultores sulistas em busca de um pedaço maior de terra para plantar. O Maranhão transformou-se no destino desses agricultores, quando o cerrado, um ecossistema antes considerado improdutivo, uma área considerada imprópria para a agricultura, tornou-se um bioma produtivo assumindo hoje seu status de um dos maiores produtores de alimentos do Nordeste. Além dos agricultores, logo começaram a chegar à região migrantes que vinham se estabelecer na cidade com empresas de prestação de serviços à agricultura, vendas de insumos ou mesmo indústrias de apoio ao agronegócio, bem como pessoas de várias cidades circunvizinhas atraídas pela possibilidade de trabalho, educação e desenvolvimento. Esse contexto suscita um estudo minucioso e uma investigação acerca das identidades surgidas nesta sociedade.

Embora os processos migratórios sempre tenham existido, no presente eles têm novos significados e consequências, pois envolvem processos que se diferem das migrações em outros períodos históricos. A peculiaridade desta pesquisa é que as migrações são recentes e os narradores não são os migrantes, mas o homem natural da região que constrói o processo de construção de identidades mostrando em suas narrativas o impacto, a visão que os maranhenses têm a respeito da migração.

Os instrumentos linguísticos para análise também se modernizaram e surgiram conceitos, teorias e combinações passíveis para analisar narrativas orais e identidades circunscritas na linguística, com mecanismos linguístico-discursivos que agem sob as repercussões de uma nova ordem social na constituição dos indivíduos.

3. AS NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Contar histórias é próprio do ser humano que, a cada dia, está mais solicitado

a fornecer informações, opiniões e, quase sempre, faz isso contando histórias. Bastos (2005, p. 81) afirma que analisar narrativas “envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos”. As pessoas se constroem a si mesmas e dão sentido ao mundo a sua volta nas narrativas orais, surgidas durante a interação. Dessa forma, a construção de narrativas é uma ferramenta importante para entendermos como as pessoas processam a construção de suas identidades por meio da narração de histórias (LINDE, 1993).

A partir dessa perspectiva, Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 90) partem do princípio de que:

As narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

O ato de contar histórias é relativamente simples, mas é por meio delas que se explicitam ações e situações que estavam implícitas. As sequências narrativas não se restringem a uma listagem de acontecimentos, mas aparecem estruturadas, e as maneiras como elas são contadas permitem a operação de produção de sentido do enredo. É o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que geralmente constituem a história.

Segundo Jovchelovitch e Bauer

(2002), a narrativa privilegia a realidade do que é experienciado pelos contadores: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador de história. As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo. Não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço e estão sempre inseridas no contexto sócio histórico e compreendidas em um contexto mais amplo, dependendo do referente a ser pesquisado.

Conforme Moita (1995, p.113), a pesquisa de narrativas é uma metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos”, razão pela qual os estudos identitários podem ser entendidos como referentes a vidas inseridas em um sistema em que a pluralidade de expectativas e de memórias é a existência de uma pluralidade de mundos e de tempos sociais (BOURDIEU, 1999)

Os teóricos modernos estabelecem que os formatos discursivos dentro de uma comunidade linguística refletem aspectos da realidade social e cultural, seja pelas marcas linguísticas comuns a determinados grupos ou pelas relações entre identidades e processos narrativos, assegurando que as narrativas são meios fundamentais para a construção das identidades.

4. IDENTIDADES CONSTRUÍDAS

Quando se fala sobre algo com alguém, utilizam-se os meios discursivos, mas quando histórias são contadas, faz-se um pouco mais do que utilizar o discurso, criam-se enredos, personagens, assunto, espaço e tempo. As histórias são criações ou cons-

truções, assim como o eu (no seu papel de contador de histórias), bem como o público (em seu papel de participante e ouvinte) que vão ganhando existência no desempenho da história. Partindo desta orientação muito simples, mas essencial, Bamberg (2004) propõe o posicionamento dos personagens no mundo da história. O conceito de “posicionamento” para ligar não apenas o ato criativo de contar histórias com a construção de seus conteúdos, mas de uma maneira mais completa e mais produtiva para o ato de construir identidades, isto é, identidades do sujeito falante.

Bamberg (2004) afirma que a partir de Harré (1999), o “posicionamento” está diretamente ligado ao conceito de identidade, sendo definido como forças opostas, uma, com a direção pessoa-para-mundo, a outra, com uma direção de ajuste de mundo para pessoa. A primeira baseando-se em uma noção do sujeito unitário como fundamento, a segunda em um sujeito determinado por forças externas (principalmente sociais e biológicas). As identidades vêm à existência e são exibidas interativamente.

Os sujeitos posicionam-se na medida em que os discursos são interpretados e agem “agentivamente” conforme a posição escolhida entre as disponíveis. Assim, as posições são recursos que os sujeitos podem escolher e, quando praticadas por um tempo, elas se tornam repertórios que podem ser desenhados. As posições operam simultaneamente e quando os sujeitos se envolvem em conversas exibidas interativamente, “fazem sentido de si mesmos e de outros em suas histórias e vão construindo suas identidades” (BAMBERG, 2004, p. 136). Dessa forma, então, a narrativa é um lugar privilegiado para a análise de problemas ligados à construção identitária e para a compreensão de fatos ocorridos na interação social.

A ciência social contemporânea tem estudado amplamente o conceito de identidade. Muitas proposições teóricas têm sur-

gido para tentar explicar o fenômeno complexo que investiga as mudanças estruturais das sociedades modernas, principalmente em um mundo instável, em uma modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Com a globalização, as identidades tornaram-se híbridas em um processo de construção incessante.

Segundo Hall (2006, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado”. O autor explica que somos sujeitos humanos e são tantas as transformações pelas quais passamos que nossas identidades pessoais se modificam sem percebermos, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integridos.

Segundo Silva (2000, p. 75), as identidades são o resultado de atos de criação linguística, “não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas”, elas não são do mundo natural, elas precisam ser construídas no contexto de relações culturais e sociais. Elas não são fixas, são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Além da teoria dos posicionamentos, associaremos, nesta pesquisa, a noção de referenciação à questão da identidade, mostraremos que essa relação é possível numa perspectiva de análise linguística e discursiva. Para tanto, faremos uma breve abordagem sobre a referenciação como um processo fundamental de construção do texto falado.

A referenciação é uma atividade discursiva que surgiu a partir de Mondada e Dubois (2014), que vê os referentes como um processo do ato de referir, passando a chamá-los de objetos do discurso. Por meio do processo de referenciação, a identidade é construída e reconstruída em diferentes

momentos.

Conforme Mondada e Dubois (2014), a referenciação é um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes, de tal modo que a expressão *referência* passa a ter um uso completamente diverso do que se atribui na literatura semântica em geral. Referir não é mais atividade de “etiquetar” um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não realidades independentes.

Textualizar o mundo através da linguagem não é um simples processo de elaborar informações, vai além, requer a (re) construção interativa do próprio real. Os interlocutores durante o uso das formas linguísticas manipulam a própria percepção da realidade de maneira significativa. Com isso há uma distinção entre as categorias: referir, remeter e retomar.

Para Marcuschi e Koch (2006), referir é uma atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua mundo; remeter é uma atividade de processamento indicial na co(n) textualidade e retomar é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.

A referenciação ocorre, basicamente, por meio de dois movimentos, chamados de movimentos retrospectivo e progressivo, respectivamente anáfora e catáfora, auxiliam na construção de identidades construídas e reconstruídas continuamente.

A anáfora é o termo ou expressão que, em um texto ou discurso, faz referência direta ou indireta a um termo anterior. O termo anafórico retoma um termo anterior, total ou parcialmente, de modo que, para compreendê-lo dependemos do termo antecedente. A realização da anáfora geralmente ocorre por meio de uma expressão nominal ou de um pronome, com ou sem retomada explícita de referente, o que permite a distin-

ção de vários tipos de análise e conceituação. A anáfora encapsuladora, formada por expressão nominal é responsável por uma grande carga informativa no interior do discurso, por ser elemento que muitas vezes evidencia uma certa apreciação por parte do autor do texto, inserindo autor e leitor numa mesma moldura comunicativa, confirmando ou não expectativas do leitor, em consequência, constroem objetos do discurso resultantes de uma negociação entre os sujeitos da interação.

Em se tratando dos pronomes catafóricos, são aqueles que fazem referência a um termo subsequente, estabelecendo com ele uma relação não autônoma, portanto, dependente. Para compreender um termo catafórico é necessário interpretar o termo ao qual faz referência. Podemos dizer que a catáfora é um tipo de anáfora, pois estabelece os mesmos tipos de relação coesiva entre termos, porém o termo anafórico se encontra antes do termo referente, acontecendo exatamente o contrário nos demais tipos de anáforas.

Apresentamos também os dêiticos como instrumentos linguísticos responsáveis pela coesão, funcionando também para enriquecer o sentido do texto e fazer referência à situação de enunciação. Os dêiticos são definidos como os elementos linguísticos que indicam o lugar ou o tempo em que determinado enunciado é produzido, além de indicar os participantes de uma situação enunciativa.

Esses processos são tidos como escolhas do sujeito em função de um querer dizer. Os referentes são vistos como objetos-de-discurso, que não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constroem-se no próprio processo de interação. São dinâmicos, pois, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente modificados, desativados, reativados, (re)construindo-se o sentido do texto, no curso de uma progressão referencial. (LEITE; MARTINS, 2013 p. 45).

A linguística textual, embasa nosso estudo numa concepção social do fenômeno referencial, de acordo com a qual os sujeitos constroem, por meio de práticas discursivas e cognitivas, social e culturalmente partilhadas, as versões públicas do mundo. A identidade é fluida e por esse motivo pode ser apresentada, confirmada e recategorizada pelo fenômeno da referenciação.

Assim, a referenciação não é apenas um ato de enunciar por palavras, mas um ato complexo e dinâmico de negociação de objetos de discurso. Este trabalho reforça a existência de uma relação teórica entre referenciação e construção de identidade, uma vez que ambos os fenômenos constituem práticas discursivas realizadas conforme a percepção cultural dos interlocutores em uma determinada situação comunicativa.

5. METODOLOGIA

A abordagem teórico-analítica utilizada neste projeto é da Análise de Narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; BASTOS; SANTOS, 2013; BAMBERG, 2002; DE FINA; GEORGAKOPOLOU, 2012), tendo como arcabouços teóricos os estudos de identidades (HALL, 2006) e da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2003). A presente pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista, assumindo uma perspectiva em que as identidades vão sendo construídas e produzidas localmente e passam a ser entendidas como uma situação social de coconstrução em que o corpus é gerado a partir de entrevistas narrativas consideradas como instrumento dinâmico, flexível e significativo. Assim, o entrevistado não é visto como a fonte de informações a serem objetivamente coletadas e analisadas, mas como alguém que coconstrói com o entrevistador o discurso produzido na situação de entrevista; situação essa que se faz cada vez mais presente na vida social contemporânea (BASTOS; SANTOS, 2013).

A pesquisa qualitativa é muito utiliza-

da por pesquisadores na contemporaneidade, e o emprego de narrativas na investigação social tem sido uma técnica específica de geração de dados, principalmente quando se trata de uma pesquisa social que exige uma análise sistemática apoiada em dados sobre o mundo social e os resultados são construídos nos processos de comunicação (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Com base na realidade apresentada na fundamentação teórica, este projeto apoia-se no campo das narrativas orais e da análise da conversação, campos das categorias textuais interativas com o intuito de analisar a textualidade apresentada.

A entrevista narrativa segue o modelo de Jovchelovitch; Bauer (2002) e Bamberg (2004) em que as análises se centram na compreensão daquilo que é narrado, em particular do texto e do contexto, apontando para tendências a se observar aspectos relativos à construção de identidades em um evento comunicativo (FLANNERY, 2011). É um método de pesquisa para além do esquema pergunta-resposta, centra-se na relação sujeito/objeto que brota da comparação da perspectiva do autor e da perspectiva do observador, dentro de um contexto mais amplo para se ter a visão de como os acontecimentos se relacionam com as pessoas que os experienciam. A narração é então construída na base de provocações específicas e, uma vez que os participantes tenham começado a contar as suas histórias, irão sustentar o fluxo da narração, fundamentando-se em regras tácitas subjacentes. Segundo Rollemberg (2013), nessa perspectiva de pesquisa, recomenda-se que se explique ao entrevistado o propósito da entrevista. Não se trata de uma pergunta fechada, mas, sim, de uma abertura que possa também funcionar no empoderamento do entrevistado, na medida em que ele terá mais informações sobre a situação de comunicação em que se encontra, de forma a ter condições de melhor se posicionar nela.

Após a geração de dados com a gra-

vação e filmagem das histórias dos participantes da pesquisa, foi feita a transcrição dos dados a partir de orientações da Análise da Conversação em Marcuschi (2003), sempre privilegiando o texto em detrimento do som e da imagem. Optou-se por filmagem para melhor aproveitamento das transcrições com o uso de programas mais precisos, mas sem o interesse de analisar os dados multimodais. Sem esse mecanismo de gravação não poderíamos realizar inferências sobre como as pessoas falam: suas pausas, inflexões, ênfases, como assimilam sistemas de coerência e constroem suas identidades, como lidam com relações de poder. Os marcadores conversacionais característicos de uma comunicação informal e organizada são elementos que auxiliam no andamento da conversação, indicando contexto, direcionamento, contribuindo para a utilização de ferramentas teóricas que auxiliam na prática interpretativa.

No que tange à análise de narrativas, foram utilizadas narrativas de dois grupos de participantes: primeiramente maranhenses nascidos em Balsas - MA antes de 1970, oriundos de diferentes classes sociais, inclusive dando voz aos excluídos, que viveram o impacto da migração em suas vidas; o segundo grupo, maranhenses nascidos entre 1980 e 1990, um grupo mais jovem, mas que também vivenciou as mudanças ocorridas no entrecruzamento de várias culturas, considerando que as histórias de vida são unidades discursivas em que podemos construir o nosso autorretrato ou nossas identidades (LINDE, 1993; SCHIFFRIN, 1996) e por meio da análise de narrativas, pode-se estudar tópicos e contextos mais amplos (FLICK, 2009). A delimitação dos participantes estará vinculada aos propósitos da pesquisa, partindo inicialmente de quatro entrevistados para organizar um banco de dados que forneceu subsídios necessários para a análise qualitativa.

A partir do aceite do projeto pelas instâncias competentes, procedemos a en-

trada em campo que foi cercada por cuidados éticos a fim de preservar todos os participantes. Como a pesquisa foi realizada no contato face a face com os participantes, a todos foi apresentado o TCLE (Termo de Compromisso Livre e Esclarecido) e foram informados que poderiam desistir de participar da pesquisa, mesmo depois dos dados terem sido gravados; a todos os participantes foi informado que eles poderiam requerer o apagamento parcial ou total da gravação. Após a geração dos dados, todos os nomes próprios e elementos passíveis de serem usados para a identificação (endereços, nomes de instituições, apelidos etc.) dos participantes foram substituídos por nomes fictícios.

6. AS IDENTIDADES CONSTRUÍDAS NOS DISCURSOS

A pesquisa se deu conhecendo o material metodológico dentro dos princípios situados no campo da Linguística Aplicada sob as perspectivas teóricas: a Análise de Narrativas, Bamberg (2004), Bauer (2002); Análises Identitárias baseada em Hall (2006), De Fina (2015), Georgakopolou (2012); Análise da Conversação em Marcuschi (2003). Com a geração de dados por meio de gravação e filmagem das histórias dos participantes da pesquisa, foram feitas transcrições a partir de orientações da Análise da Conversação em Marcuschi (2003). Um trabalho minucioso que requer muito conhecimento e tempo para transcrever todas as conversas e em seguida analisar conforme a metodologia prevista. Com isso, torna-se possível identificar como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros, produzindo as suas próprias histórias.

Como o objetivo da pesquisa é a construção identitária dos balsenses por meio do discurso-narrativo, serão destacadas expressões referenciais mobilizadas

nos textos, as quais compõem uma cadeia que estabelece uma relação de equivalência entre referentes diversos, a partir de um ponto articulador comum. Para tanto, lançamos mão de teorias acerca dos processos de referenciação, na perspectiva de autores como Koch (2002, 2008), Marcuschi (2001) e Mondada e Dubois (2014), apropriando-nos, sobretudo, das categorias textuais- discursivas como anáfora e dêixis, que constituem o conjunto dos processos referenciais.

A transcrição e análise dos dados possibilitou trazer elementos linguísticos que permitiram ver textualmente as identidades emergirem nas narrativas. Quando se utiliza a linguagem para produzir/construir discursos, os sujeitos falantes de uma língua estabelecem sentidos que tecem uma rede de informações e conhecimentos relacionados a fatores históricos, geográficos, culturais, sociais etc. permeados de ideologias.

A análise dos dados possibilitou identificar temáticas recorrentes como autobiográficas, história de Balsas e o sentimento de pertença frente ao processo migratório.

No excerto 1 o sujeito se identifica utilizando referências em primeira pessoa para traçar a sua descrição. Luís se apresenta como balsense nascido a 20 km da cidade, tem 42 anos e veio muito cedo do sertão com os pais e irmãos.

Excerto 1

73		nós somos 10... 10 irmãos... é::... então foi assim...
74	Luís	fomos chegando aqui e tentar estudar... e depois eu acho
75		que convivi... dentre esses 42 anos aqui na sede do
76		município com essa... eu percebi... eu consegui conviver
77		com:: assistir melhor dizendo essa... essa evolução... ou
78		seja... essa ... esse crescimento do município... essa
79		mistura que cada ano que ia passando isso ia acontecendo
80		cada vez mais... porque eu acho que pra gente chegar a
81		compreender hoje tentar fazer esse esforço pra
82		compreender essa cidade hoje...a gente precisa saber de
83		tudo isso... de quem tá aqui hoje... veio de onde e o
84		porquê que veio... eu lembro muito bem que Balsas era
85		pequeninha e a gente já morava aqui... sofreu um impacto
		muito grande com
		peessoas que vieram de fora na construção dessa BR 230...

Percebemos como linguisticamente ou por meio do discurso o sujeito entrevistado utiliza os pronomes de primeira pessoa, demonstrando o seu posicionamento frente à sua história e a história da cidade e refletindo na narrativa todas as suas convicções ideológicas e identitárias. Alternando o

uso das pessoas, percebemos claramente a identidade individual como também a coletiva como evidenciado na linha 73 “nós somos 10... 10 irmãos...”.

Bamberg (2004), em sua teoria sobre posicionamento, expõe que as posições são exibidas interativamente e podem ser simultâneas, para que o sujeito faça sentido de si mesmo e dos outros em suas histórias e, dessa maneira vai construindo identidades. De Fina (2010) defende que enquanto usamos a linguagem para transmitir a nossa imagem, também a utilizamos para identificar outras pessoas, para evidenciar nossas semelhanças ou diferenças. O “eu” e o “nós” utilizados no discurso criam mundos pessoais e sociais que contribuem para o entendimento dos processos socioculturais.

Luís se posiciona quando nas linhas 76 - 80 situa a sua posição sobre as modificações ocorridas na cidade “eu consegui conviver com:: assistir melhor dizendo essa... essa evolução... ou seja... essa ... esse crescimento do município... essa mistura que cada ano que ia passando isso ia acontecendo cada vez mais...”. Luís ao mencionar a evolução da cidade utiliza uma categorização da Linguística Textual denominada anáfora, que tem como objetivo retomar o referente anterior para enfatizar o uso do termo pretendido. Ao utilizar o sintagma “evolução”, em seguida retomá-lo como “crescimento”, “mistura”, revela anaforicamente a intensidade desse acontecimento. Luís menciona que Balsas é uma “mistura” de tantas pessoas vindas de diversos lugares e para entender esse processo, caracterizado pela expressão nominal “hoje”, é preciso conhecer como aconteceu essa sequência de fatos no decorrer do tempo para assim entender o presente. As histórias de vida contadas por Luís se relacionam com contextos sócio-históricos, ao mesmo tempo em que revelam experiências individuais específicas enraizadas na sua biografia. As entrevistas narrativas possibilitam não apenas reconstruir a biografia do sujeito entre-

vistado, mas compreender os contextos em que foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes.

No excerto 2, Luís faz referência ao grande impacto ocorrido na cidade de Balsas, talvez o mais marcante, a intensa migração a partir da década de 70, intensificando-se nas décadas posteriores, quando famílias inicialmente oriundas do Rio Grande do Sul, depois de outros estados migraram para a região e começaram a explorar as chapadas balsenses, áreas até então consideradas improdutivas pela população local.

Excerto 2

237	Luís	locais... então nesse aspecto... tem o outro que eu acho
238		que é mais negativo que é essa forma de ser... esse ar de
239		ser colonizador... entendeu? que não eram só os que já
240		moravam aqui... quem veio de fora é como se chegasse numa
241		aldeia de índio e chega nesse ar de colonizador que vem
242		com uma nova forma... um novo jeito... "que esse povo aqui
243		não sabe fazer nada e assim que tem que ser a coisa"...
244		então houve muito ...mas muito isso... e aliás ainda hoje
245		existe isso entendeu? e alguns relacionamentos a gente
246		percebe o ar de colonizador de chegar e querer
247		colonizar... querer mostrar o que... como algumas pessoas
248		dizem o... o nativo não sabe de nada... vamos implantar...
249		essa coisa do jeito de ser colonizador... isso é
		muito...isto também é muito do Europeu...

Em associação ao processo de ampliação da sojicultura, ocorreram significativas mudanças sociais, econômicas, políticas e ambientais. As migrações ocorreram devido ao incentivo de Programas do Governo para desenvolver a região e por vários motivos como busca de qualidade de vida e oportunidades de trabalho e educação. Nas linhas 238 a 242, Luís sintetiza através do discurso um posicionamento negativo com relação ao processo migratório ocorrido: "que é mais negativo que é essa forma de ser... esse ar de ser colonizador... entendeu? que não eram só os que já moravam aqui... quem veio de fora é como se chegasse numa aldeia de índio e chega nesse ar de colonizador que vem com uma nova forma... um novo jeito...". Ao utilizar o elemento "colonizador", no decorrer do discurso, a utilização do recurso linguístico específico, como fazer referência, caracteriza a ênfase que o sujeito atribui às mudanças ocorridas em virtude do movimento migratório.

Ao rotular os migrantes como "colonizador", intensifica o impacto ocorrido e explicita as consequências do processo de territorialização em que há uma sobreposição entre as pessoas que chegam com as pessoas da região que já ocupavam os espaços com suas tendências culturais, os hábitos, costumes e estilos de vida e que precisaram ser adaptados, mudados e transformados com a chegada dos migrantes, num processo de integração regional, moldando uma nova fronteira Agrícola no Nordeste.

As atividades de referenciação desenvolvidas pelos sujeitos do discurso, nas suas práticas sociais, não só possibilitam a (re)construção dos acontecimentos passados, mas também condensam uma multiplicidade de informações e de pontos de vista sobre a migração e suas consequências no presente.

Conforme Mondada e Dubois (2014, p. 17) "[...] os sujeitos constroem através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo". A interação ocorrida durante a entrevista narrativa com Luís permite observar que as narrativas são produções discursivas privilegiadas para a investigação das versões publicamente disponibilizadas, pois os sujeitos externam suas experiências na interação e, conseqüentemente, constroem ou reconstróem interpretações da sociedade em que estão inseridos. Ao mesmo tempo em que constroem a si mesmos, dão sentido ao mundo à sua volta durante a interação.

No excerto 3 apresentaremos Dona Nora, uma das participantes da pesquisa nascida em 1935, então com 83 anos, moradora na zona rural de Balsas - MA, escolaridade Ensino Fundamental completo e foi professora, alfabetizadora de muitas pessoas do local.

Dona Nora é a história viva da região de Balsas e suas histórias refletem uma colonização muito distinta da colonização do litoral. A região de Balsas foi ocupada

por vaqueiros e criadores de gado vindos da Bahia, Piauí, Ceará e Pernambuco em busca de terras próprias para a criação de gado. Professora municipal, mesmo tendo apenas o Ensino Fundamental completo foi responsável pela alfabetização de centenas de crianças da região. Dona Nora na sua entrevista afirma amar a sua profissão e ser responsável pela formação de vários profissionais. Ainda descreve o seu método de alfabetizar que é totalmente inovador para uma pessoa com pouca formação, pois ao descrever a maneira como ensinava, explica que primeiramente iniciava com os alunos o conhecimento do ambiente onde viviam, utilizando um fazer pedagógico muitas vezes desconhecidos ou não utilizados por profissionais já formados.

Excerto 3

5	Dona	Meus bisavós vieram da Bahia... eram Baianos... (SI) eles vieram se ter aqui pro Maranhão... saíram dela... vieram se ter aqui no Maranhão... meus bisavós maternos... os meus bisavós paternos... vieram diz que é descendente dos Cearenses... eu não sei... eu sei que o meu bisavô materno... por parte de mãe era Cearense... chamava Antônio Custodia Saraiva... pois é... e o meu avô paterno chamava se Manoel de Inácio Nogueira... a minha avó chamava se Maria Nogueira da Cunha e meus avós maternos era João evangelista de Abreu e Jucelina Saraiva de Abreu.
6	Nora	
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		

O excerto acima comprova conforme a narrativa de Dona Nora que seus bisavós eram baianos e cearenses. Os termos linguísticos para evidenciar lugar são denominados dêiticos, instrumentos linguísticos responsáveis pela coesão e a continuidade do texto. Na entrevista da Dona Nora observam-se os dêiticos de lugar como na linha 5-9: “Bahia, Maranhão, Cearenses” confirmando com a utilização dos elementos discursivos as referências de lugar que marcam as suas origens e de onde vieram seus familiares.

O sentimento de pertença também envolve a construção de uma identidade. Na narrativa de Dona Nora, as formas de apropriação do espaço e seu processo de produção, se percebe o território construído onde há o sentimento de pertencimento.

Excerto 4

91	D. Nora	De plantar... descobrir terra para morar porque os lugares
92		lá onde eles moravam já era muito habitado... já era muito
93		cheio e eles queriam espaço para poder organizar a
94		família... não é... então eles lá... ficou a parte lá
95		desse lugar por nome de Babilônia... porque me passou...
96		foi o nome do lugar... Cansação...

No excerto 4 Dona Nora menciona que vieram morar na região por motivo da agricultura, em busca de terras para morar e para plantar. Nesse excerto evidencia-se o apego a terra na linha 91 a 94: “De plantar... descobrir terra para morar porque os lugares lá onde eles moravam já era muito habitado... já era muito cheio e eles queriam espaço para poder organizar a família... não é... então eles lá... ficou”. Através de uma abordagem territorial, do apego a terra, percebemos que o espaço agrário constitui uma identidade cultural e conseqüentemente a mudança da territorialização e uma nova organização da região Sul do Maranhão. A ênfase no referente “lá” reafirma o espaço e o lugar deixado para trás como na linha 91 diz Dona Nora: “descobrir terra pra morar”.

No excerto 5, fragmentamos os tópicos sobre os posicionamento de Dona Nora com relação ao processo migratório.

Excerto 5

136	D. Nora	Muitas... porque o pessoal daquele tempo ficaram com
137		muitas terras... quando foi pra registra... não era coisa
138		muito exigente... eles registravam muitas terras... daí
139		vão chegando os outros e vão comprando... vão comprando...
140		é assim... comprando...
145	D. Nora	É... essas grandes fazendas... porque tinha pessoas que
146		vendiam 1000 hectares de terra... outro já vendia outros
147		1000 hectares... outro já vendia outros 500 hectares...
148		outro já vendia 200... tinha gente que vendia até o lugar
149		da própria da propriedade... que ficava desabitado.
164	D. Nora	A gente sente um pouco... e as plantações vão aumentando é
165		ai a gente vai sentindo pior... porque logo eles mexem com
166		muito veneno e há intoxicação em toda região... logo o
167		lugar que nós moramos... nós somos... éramos os donos da
168		cabecreira do ribeirão... mas já venderam... dos mais
169		velhos venderam uma parte e: é um lugar pra onde tem as
170		lavouras... é mais alto... quase no extremo do município
171		de Balsas com o município de Tasso Fragoso... a gente
172		ver... a gente vai viajando... ver a queda d'água... aqui
173		vai para o município de Tasso Fragoso e aqui vem pra cá...
174		então... em todas essas regiões que eles mexem com veneno
175		nas plantações... então... é baixo... vem tudo e contamina
176		a água... os lugares... é tanto que... até as plantações
177		que se planta hoje em dia... tem delas que não vão mais
178		pra frente... por causa do veneno... vem até no ar... vem

Nos turnos 136 a 149, Dona Nora relata a facilidade da compra de terras daquela época que chegaram os migrantes, onde os primeiros proprietários vendiam todas as suas terras até mesmo o lugar onde mora-

vam, sendo possível assim perceber que as terras eram vendidas por preço bem inferior ao que seria avaliado. Assim com a compra de várias terras foram formando grandes fazendas. Nos turnos 164 a 178, ela declara alguns pontos negativos sobre a vida destes agricultores que, devido a grandes plantações, utilizam muitos agrotóxicos para combater as pragas e com isso poluem o meio ambiente e prejudicam a saúde dos moradores próximos.

No excerto abaixo, a narrativa de Maria apresenta o sentido de pertencimento relacionado a terra, aos vínculos culturais.

Excerto 6

148	Maria	não... assim... até hoje quando nós passamos a minha mãe
149		mostra terras... as vezes comenta assim que os meus avós
150		não souberam... vamos dizer assim... não souberam dar
151		continuidade... então por isso venderam... que a forma
152		como é aproveitada... mas assim pelo menos pra mim não é
153		passado como algo negativo não... assim... não em relação
154		aos outros... mas em relação a nossa família mesmo poderia
155		ter feito... poderia ter dado continuidade... olha o
156		quanto vale hoje...então pensando até assim... inclusive
157		até nessas terras que...que os meus avós... bisavós até
158		venderam... é ...alguns deles são enterrados na terra...
159		então nós... muito... sei... que quando é finados... nesse
160		período assim de visitar o túmulo... mesmo tendo a
161		plantação toda ao redor... mesmo assim... no meio da
162		lavoura tem lá um pequeno cemitério... que na época as
163		pessoas eram enterradas na terra mesmo né... na
164		propriedade... e a gente volta sempre lá...

No excerto 6 podemos observar que Maria, em sua narrativa, utiliza os objetos discursivos em uma sequencialidade semântica nas linhas 149 a 153: “terras”, “avós”, “não souberam dar continuidade”, “venderam”, “para mim não é passado como algo negativo”. Maria não era nascida na época em que seus avós venderam as terras. À vista disso não atribui uma configuração negativa ao fato de a família não ser mais a proprietária das terras, mas retoma a ligação de pertencimento quando aciona os referentes “avós...bisavós” categorizados pelo recurso anafórico “alguns deles” foram enterrados naquele local visitado pela família, mesmo localizando-se no meio de uma lavoura.

Excerto 7

49	Maria	mesmo... uma das professoras e tínhamos também professores
50		gaúchos... então assim eu comecei a viver essa mistura
51		cultural desde meu nascimento e vejo como uma riqueza
52		muito grande... perceber que o meu aprendizado... que os
53		meus valores ...as minhas crenças... tenho um pouco
54		aprendido deles quanto eles... os meus amigos... a família

Nas linhas 49-54 do excerto 7, as identidades construídas no discurso de Maria perpassam as questões de construções pessoais e sociais impossíveis de serem dissociadas. A posição do sujeito é desenvolvida na relação com o outro em um processo histórico e cultural relacionado ao tempo e espaço, analisando o passado para permitir entender o presente. Para Hall (2006), as identidades culturais surgem, portanto, de nosso pertencimento ou identificações étnicas, raciais, linguísticas, religiosas. Quando Maria aciona a referente “mistura” e o recategoriza por meio da função predicativa “riqueza muito grande”, na memória discursiva de Maria, a categorização empregada exerce uma continuidade tópica a partir do sintagma “eu comecei a viver”. Ao utilizar os referentes de primeira pessoa, ela se autoriza e constrói uma representação de si mesma, dando sentido à sua vida e posicionando-se em relação à construção da sua história.

A entrevista com Gabriel foi muito significativa, ele faz parte do grupo nascido após 1980 e tem informações demográficas importantes, além de ser conhecedor dos índices sociais da região. A família fugiu de uma seca que tinha atingido a região do Piauí e se fixaram inicialmente na zona rural, chamada de sertão. Mais tarde, quando Gabriel tinha apenas três meses de idade veio para a cidade e foi criado pela sua avó.

Excerto 8

291	Gabriel	que na verdade várias... várias decisões administrativas
292		na própria cidade proporcionam ou no caso até mesmo
293		natural... que foi o caso da seca que aconteceu e minha
294		família veio... proporciona então uma chegada maior de
295		pessoas aqui na região... e eu vejo isso como um aspecto
296		muito positivo porque se nós fizemos uma comparação

A Narrativa de Gabriel explicita muito bem as estratégias de referenciação quando dá ênfase para o referente em que o ele-

mento discursivo revela o conhecimento do narrador em relação ao objeto estudado que é a cidade de Balsas.

Nas linhas 294-296 Gabriel refere-se à chegada de migrantes de todas as regiões: “então uma chegada maior de pessoas aqui na região... e eu vejo isso como um aspecto muito positivo”. Ao utilizar o elemento “isso”, no decorrer do discurso ocorre uma anáfora, a utilização do recurso linguístico específico, como a retomada do referente que possibilita uma continuidade semântica constante para caracterizar a ênfase que o sujeito atribui às mudanças ocorridas em virtude do movimento migratório. E ele conclui sua posição ao utilizar “aspecto muito positivo”. Pelo conhecimento de Gabriel, ele afirma no seu discurso que apesar de Balsas ser uma cidade isolada geograficamente, distante das grandes cidades, está em plena expansão.

Excerto 9

303	Gabriel	estamos muito distantes... no entanto... somos uma cidade
304		em constante crescimento em constante movimento nós temos
305		vários polos educacionais nós temos grandes regionais aqui
306		nós temos então uma cidade em grande desenvolvimento... e
307		isso... ah: se deve muito a questão da migração porque a
308		partir do momento em que nós temos a chegada de muitas
309		pessoas e essas pessoas impulsionam a população... e
310		tamanho da população... faz com que essa população
311		creça... então... eu digo isso com... já com um
312		conhecimento mais técnico porque eu trabalho no IBGE e eu

Nos turnos 303-304 quando Gabriel utiliza “somos uma cidade em constante crescimento... em constante movimento”, o universo narrativo possibilita que se posicione de acordo com seu papel desempenhado no contexto social de que faz parte “somos uma cidade”. Bamberg (2004), em sua teoria sobre posicionamento, expõe que as posições são exibidas interativamente e podem ser simultâneas, para que o sujeito faça sentido de si mesmo e dos outros em suas histórias e, dessa maneira vai construindo identidades.

As entrevistas narrativas possibilitam não apenas reconstruir a biografia do sujeito entrevistado, mas compreender os contextos em que foram construídas e os fato-

res que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As identidades são resultados de atos observados por meio de uma conversa e vão sendo construídas no contexto de relações culturais e sociais. Não são fixas, são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

O estudo apresentado utiliza as narrativas de histórias de vida como fontes privilegiadas para analisar os discursos que emergem de contextos sociais espontâneos, como meio eficaz e apropriado para investigar as identidades construídas pelos sujeitos.

A partir da pergunta da pesquisa “como as identidades dos balsenses são construídas linguística e textualmente nas narrativas” e do objetivo da pesquisa que é investigar se os sujeitos nascidos na cidade de Balsas, no Sul do Maranhão, constroem identidades ao narrar suas histórias de vida em decorrência do processo migratório que teve lugar na região de Balsas no Maranhão, a partir dos anos 70 do século passado, constatamos extremamente possível delinear os caminhos traçados nas histórias contadas e sistematizar as primeiras identidades construídas no contexto proposto.

As bases teóricas de Análise de Narrativas e Identidades e as análises validadas pelos processos propostos pela Linguística Textual possibilitaram uma contribuição relevante para a configuração do objeto de estudo desta pesquisa: o texto. As narrativas de histórias de vida refletem o percurso de análise do texto oral, para dele depreender particularidades e mecanismos de estruturação textual específicas de como é gerado. Os traços característicos da oralidade não planejada mostraram-se eficazes no jogo de relações interpessoais para demonstrar

o envolvimento dos interlocutores. E mais, as categorias analíticas de natureza textual-discursiva possibilitaram a identificação de unidades textuais, não apenas como uma retomada ou uma categorização, mas como um objeto-de-discurso presente na memória discursiva ou textual.

A escolha inicial de quatro sujeitos, dois nascido antes de 1970 e dois depois de 1980, viabilizou contrastar, por meio dos discursos, como o tempo é determinante e para isso citamos Hall (2006, p. 17) quando afirma que “as sociedades modernas são caracterizadas pela “diferença”, por diferentes divisões e antagonismos sociais, diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades”. O tempo e o espaço, como coordenadas de sistemas de representação, estão diretamente relacionados com os processos sociais. A visão constatada pelo discurso, o apego a terra, a importância das tradições e costumes estão arraigados nos discursos das pessoas. A escolha de diferentes sujeitos em diferentes épocas trouxe uma visão sobre a migração mais positiva para os sujeitos nascidos depois dos anos 80 e negativa para os sujeitos nascido antes dos anos 70. Para Hall (2006), diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo e, portanto, as formas de representação da relação identitária.

As identidades estão sendo construídas, formadas e transformadas constantemente, mas o contexto desta pesquisa, particularizando o ponto de vista, a visão discursiva do sujeito nascido na região, faz esta pesquisa ser singular. Pesquisar o não pesquisado, investigar o desconhecido são imprescindíveis para entender os traços identitários dos sujeitos balsenses.

Até aqui, percebemos a importância desta pesquisa para Balsas e o Maranhão e, principalmente, para o entendimento de nós todos que vivemos essas transformações e sempre ouvimos (nada registrado) sobre as impressões que uns têm dos outros. Acre-

ditamos que as questões discutidas possibilitaram corroborar a afirmação de que por meio das narrativas as identidades vão sendo construídas e reconstruídas no discurso. E também, essa análise foi relevante no sentido de constatar como as identidades são híbridas e estão diretamente relacionadas ao tempo e espaço. O tempo assumido pelo narrador em relação à história contada é determinante para o seu posicionamento e esse contínuo pode levar a instâncias mais profundas da análise.

8. REFERÊNCIAS

BAMBERG, M. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: LOPES, L.P.M.; BASTOS, L.C. (Org.). **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 149-185.

BAMBERG, M. Positioning with Davie Hogan: stories, tellings, and identities. In: DAIUTE, Colette; LIGHTFOOT, Cynthia (Ed.). **Narrative analysis**: studying the development of individuals in society. London: Sage, 2004. p. 135-157.

BASTOS, L. C. “**Narrativa e vida cotidiana**”. Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2005.

BASTOS, L. C; SANTOS; W. S. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

CABRAL, M. S. C. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1992.

COELHO NETO, E. **História do Sul do Maranhão: terra, vida, homens e acontecimentos**. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1979.

DE FINA, Anna. GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **The Handbook of Narrative Analysis**. John Wiley & Sons, Inc. Published, 2015.

DE FINA, Anna.; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Analyzing narrative: discourse and sociolinguistic perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DE FINA, A. Tempo, espaço e identidade em narrativas de imigração. In: LOPES, L. P. M.; BASTOS, L. C. (org.). **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 85-105.

FLANNERY, M. R. S. **Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 112-119, jan./mar. 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEORGAKOPOULOU, A. **Between narrative analysis and narrative inquiry: the long story of small stories research**. London: King's College, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. Positioning theory. Oxford: Blackwell, 1999. JOVCHELOVITCH; BAUER. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som : um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: cidades@: **Maranhão: Balsas: panorama**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/panorama>. Acesso em: 25 nov. 2018

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A C. S. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Unicamp, 2002. v. 8.

KOCH, I. G. V. **Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso**. Revista Investigações, Recife, v. 21, n. 2, p. 99-114, jul. 2008.

LEITE; Alzira; MARTINS Renata. **Referenciação**, Belo Horizonte, 2013 p. 45. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/325269510/referenciacao>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

LINDE, C. **Life stories: the creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993. LEITE Alzira; MARTINS Renata. **Referenciação**, Belo Horizonte, 2013 p. 45. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/325269510/referenciacao>>. Acesso

em: 29 de outubro de 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. **Atos de referenciação na interação face a face**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 41, p.37-54, jul./dez. 2001.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. v. 1: Construção do texto falado, p. 381-399.

MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 17-52.

PEREIRA, E. V. **Balsas fragmentos de memória**. São Luís: Halley, 2014.

PIOVESAN, M.H.F. **Narrativas, discursos e identidades**: (des) encontros no Sul do Maranhão.2020.161. f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2020.

ROLLEMBERG, Ana T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados.in: BASTOS; SANTOS. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SCHIFFRIN, D. Approaches to discourse. Oxford: Blackwell, 1996.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.